

**Entrevista a  
Sylviane Rigolet**



**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR**  
Covilhã | Portugal

**UBI – Mestrado em Ciências Documentais**  
**[2010]**

**Orientadores:**

Professora Doutora: Maria da Graça Sardinha

Professor Doutor António Pais

**Mestrando:**

Pedro Rafael Neto Gomes

**[Guião de Entrevista]**

**Apresentação e objectivos**

A realização desta entrevista insere-se na recolha de dados no âmbito do Mestrado em **Ciências Documentais** da Universidade da Beira Interior sobre “**A Biblioteca Escolar: Uma Rede de Aprendizagens. O Papel das Parcerias**”

Tem como objectivo conhecer a perspectiva da Formadora, Promotora e Mediadora de Leitura, Sylvianne Rigolet, face à utilização da Biblioteca Escolar/ Biblioteca Pública ou outra tipologia de bibliotecas numa óptica de partilha/ parceria e uso comum dos mesmos espaços por públicos distintos. Uma abordagem aos conceitos *joint-use libraries* e *dual-use libraries*.

Os dados recolhidos destinam-se a fins puramente académicos.  
(Autorização para recolha de gravação digital da entrevista e de divulgação da identidade)

**Entrevista a Sylviane Rigolet, formadora, mediadora e promotora de  
leitura**



**1. Sylviane Rigolet ao longo destes anos nas suas funções quer como psicolinguista, quer como mediadora de leitura e como professora tem contactado com técnicos de bibliotecas públicas, autarcas, coordenadores de bibliotecas escolares, professores bibliotecários e directores de escolas e Agrupamentos. Na sua óptica, que factores é que contribuíram, foram decisivos, para ao fim destes 13 anos a Rede de Bibliotecas Escolares estar implementada em todos os Concelhos do nosso país?**

**Sylviane Rigolet** - Talvez a utilização generalizada do computador pessoal aumentasse a tomada de consciência das enormes vantagens e, consecutivamente, da necessidade de trabalhar em rede e de estabelecer parcerias de forma a rentabilizar recursos... tal como a NET funciona: disponibilizando recursos inalcançáveis de outro modo ou só alcançáveis passado um certo prazo, mais ou menos prolongado, o que, em determinadas circunstâncias, dificulta a transmissão de informações, por exemplo científicas, que têm toda a vantagem em serem transmitidas num prazo mais curto possível.

Um outro aspecto talvez se encontre também na incrível facilidade com a qual os mais novos se inteiraram das novas tecnologias da informação. Sendo as BE apetrechadas de computadores, o trabalho em rede tornou-se numa evidência; assim, rapidamente as escolas se aperceberam da urgente necessidade de unirem esforços e de copiarem os bons exemplos, de aplicarem as estratégias que tinham dado resultados positivos.

Também houve, paralelamente, a consciência, aguda – através de inquéritos e estatísticas, do atraso nas competências de literacia e numeracia de uma grande percentagem da população, mais nova como mais velha, facto incompatível com a evolução das sociedades actuais mais modernas. A divulgação destes resultados alarmantes – PISA e outros – tornou premente uma tomada de posição política e educativa.

**1.1. No que se refere às Bibliotecas Públicas embora o programa se tenha iniciado anteriormente, a abrangência de território é menor e ainda não estão instaladas em todos os Concelhos, o que lhe parece que ainda falta nesta dinâmica?**

**Sylviane Rigolet** - Não acho que falta algo. Acho que o problema não se situa aí, mas nas propostas ofertas pelas BM.

A população jovem tem ao seu dispor, para além das BE, na sua grande maioria, acesso às TIC, e pela sua formação escolar e pelo acesso ao computador pessoal (para além da sua “natural” e motivada abordagem a este género recente de ferramentas).



A população dos reformados e idosos que sempre gostava de ir à BM folhear o jornal, continua ao fazer, mas não domina as TIC nem, ainda para muitos, as competências de literacia e numeracia que faça deles utentes assíduos destes serviços.

Os adultos trabalhadores não têm disponibilidade para se deslocarem até à BM nos horários disponibilizados por aquela e utilizam frequentemente o computador durante o seu tempo laboral e à noite/fim-de-semana em casa, por isso, não precisam forçosamente de aceder às TIC na BM.

Por este leque de razões, julgo que as propostas da BM não devem forçosamente passar pela disponibilização de muitos mais computadores, mas elas próprias habituarem-se a trabalhar em rede e, para o público, elaborar propostas diferenciadas, que ocupem um nicho de ocupações impossíveis realizar em casa ou sozinho à frente do seu PC.

Mas, para trabalhar em rede, não basta instalar softwares actualizados: é preciso mudar mentalidades... e aí reside, ao meu ver, a grande dificuldade, a real e verdadeira barreira. A omnipresença da mentalidade estreita de “capelinha”, a suspeita que o outro possa “roubar ideias”, “copiar iniciativas”, obter louros, arriscando-se então a ficar em 1.º plano, etc., é que constituem objecções nem sempre confessáveis...

Formar crianças “mais maleáveis” e jovens mais “permissíveis” às novas influências será por um lado mais fácil e, por outro, mais “justificável” politicamente falando.

**2. Em alguns Concelhos do nosso País onde existem Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares não existe o serviço de SABE (Serviço de Apoio a Bibliotecas Escolares), considera este serviço prioritário e fundamental para a existência de uma real parceria entre estas instituições?**

**Sylviane Rigolet** - Com certeza. Criar hábitos de parceria é uma mudança profunda e radical de perspectiva sobre a educação e a política ou, aliás, sobre a política da educação e da economia. Acho importante um serviço especializado estar disponível neste sentido, de modo a dinamizar intercâmbios proveitosos e recíprocos, isto é, cada um fornecendo ao outro uma parte do seu saber que lhe é próprio de modo a “dialogarem”, intercambiarem (in)formação, de rentabilizarem recursos, de partilharem experiências, de unirem públicos.

Mas acho que, pelo menos inicialmente, enquanto esta forma de encarar a educação ainda não for uma evidência para ambos os tenentes desta “co”laboração, uma coordenação aberta e dinâmica facilita uma abordagem deste tipo.



## **2.1. Encara outras formas de cooperação? Partilha?**

Sim: pedindo mais a opinião dos utentes. Criar projectos, propor iniciativas, elaborar propostas de actividades que correspondam, realmente, às suas expectativas e às suas verdadeiras necessidades parece-me fundamental neste tipo de serviços à comunidade educativa e à comunidade em geral... o que raramente se verifique. Não há suficientes inquéritos feitos a este respeito.

## **2.2. Na sua visão esta parceria/ cooperação deve ir até onde? (empréstimos interbibliotecas; portais concelhios; catálogos colectivos, horas do conto, animação....)**

**Sylviane Rigolet** - Claro, não vejo “limites” nesses intercâmbios: tudo o que for possível fazer juntos.

Mas, antes de colaborar nas actividades em si, parece-me fundamental e, até, imperioso: planificar junto;

estabelecer planos não só a curto e médio prazo, mas também a longo prazo. De facto, muitas experiências custam muitos esforços e investimentos de toda a ordem – tempo, dinheiro, envolvimento pessoal – mas não se lhes dá tempo de serem “rodadas”.

Também me parece essencial fazer avaliações sistemáticas e eficazes, de modo a “corrigir o tiro” quando necessário, melhorar alguns aspectos, eliminar outros, substituir outros ainda, de forma a aperfeiçoar a experiência no seu conjunto, sem passar de imediato à outra.

Isto é, agir segundo a conhecida acção – avaliação – acção, etc.

## **2.3. Onde podemos INCLUIR (envolver/ participar/ dinamizar) a restante comunidade local?**

**Sylviane Rigolet** - Em quase todos os passos ao meu ver. Mas a démarche de “ir ao encontro” da comunidade tem de partir dos responsáveis da BM, através de inquéritos, entrevistas, curtos mas pertinentes, numa postura de escuta, fundamental e sempre “open mind”.

**3. Actualmente contamos com a Rede de Bibliotecas Públicas e a Rede de Bibliotecas Escolares e relativamente às Bibliotecas Universitárias? Também encara a necessidade da existência de uma Rede Nacional de Bibliotecas Universitárias?**



---

**Sylviane Rigolet** - Parece-me muito adequada, judiciosa e de imperiosa necessidade. Ainda existem muitas obras obsoletas ou um exemplar somente de obras “de leitura obrigatória”... e esta gestão do fundo documental não se coaduna com as necessidades e realidades actuais da transmissão da informação, sobretudo a de cariz científico.

**3.1. Se sim, vislumbra esta rede sob a alçada de que ministério? O do Ensino Superior? Passaremos a ter a RBP sob a alçada do Ministério da Cultura e das Autarquias, as Bibliotecas Escolares sob o do Ministério da Educação e uma possível rede de Bibliotecas Universitárias no Ministério do Ensino Superior? Não haverá necessidade de alguma fusão no que diz respeito ao grande Projecto Nacional de Promoção da Leitura e das Literacias?**

**Sylviane Rigolet** - Por um lado, acho que é ambicioso querer uma fusão quando as organizações parcelares – por ex. as 3 que refere - são ainda tão precárias, nalguns casos.

Por outro, acho que é fundamental unir esforços, homogeneizar a gestão, praticar uma aquisição, organização e disponibilização dos recursos muito rentável, potenciando-os ao máximo. Também julgo necessária uma planificação conjunta das actividades de promoção da leitura, animação dos espaços e eventos culturais de forma a, também aí, rentabilizar recursos, favorecer a elaboração de projectos a longo prazo, ter uma visão abrangente desta forma particular que é a cultura ligada ao livro e à sua “casa”.

**4. A figura do professor bibliotecário, as suas funções, necessidades e perfil, como encara a recente institucionalização desta figura? Visto que apenas no passado ano com a publicação da Portaria 756/2009 de 14 de Julho - Criação da função de professor bibliotecário esta figura passa a ter um papel crucial na dinâmica das Bibliotecas Escolares.**

**Sylviane Rigolet** - Como frequentemente acontece, cria-se algo do topo para a base, sem dar os meios necessários para a real formação desta figura, sem uma definição exacta da sua formação profissional, da avaliação do seu perfil pessoal para desempenhar a sua delicada, diversificada e complexa tarefa de mediador, gestor, organizador, parceiro...

À partida, a institucionalização desta figura constitui uma vantagem criando uma certa estabilidade e assegurando continuidade. Mas a medalha tem sempre duas faces: quais os critérios de selecção destas “figuras”, qual o rigor da sua idoneidade, quais as garantias do seu sucesso e envolvimento pessoal?



## **5. O Plano Nacional de Leitura, encara-o como um Plano com múltiplas possibilidades entre elas o fomento desta parceria entre as Bibliotecas Públicas e Escolares?**

**Sylviane Rigolet** - A ideia primeira e a sua concepção foram feitos dignos de nota. Como qualquer empreendimento humano, evidencia algumas falhas, por ex. no “catálogo” (mais parecido com uma listagem) extensivo e pouco cuidado em termos de apresentação/sinopse/ evidenciando uma certa falta de critérios na selecção das obras e na sua adequação para uma “idade” quando se deveria falar de “nível de desenvolvimento”, não só leitor como global alcançado.

Também nem sempre a atribuição do famoso carimbo “LER+” me parece justificável, sendo os critérios que presidam à sua atribuição desconhecidos da maioria de nós...

Quanto ao fomento de parceria, BM/BE, é um dos caminhos possíveis, mas tudo não pode se limitar a esta possibilidade.

## **6. E como define o papel do mediador de leitura?**

**Sylviane Rigolet** - É complexo e muito diversificado, variando conforme os públicos, os tipos de obras mediadas, os objectivos pretendidos (os a alcançar). Conhecer a fundo o objecto livro (ilustração – grafismo – linguagem – partes e significados...), seleccionar obras, preparar as leituras, dominar e aplicar as estratégias de leitura em voz alta, controlar a postura corporal, distinguir entre o ler e o contar para alcançar diversos objectivos, prever projectos de animação abrangente, saber liderar um grupo, adequar a decoração da sala e a colocação do público, gerir a promoção das obras, respeitar os ritmos individuais, as escolhas, a alternância entre intervenção e intimidade com o livro...constituem algumas das áreas de competências a trabalhar.

Como será fácil deduzir, não existem ainda (no meu conhecimento) formações completas para transmitir este tipo de competências.

A especificidade da formação deveria elevar o nível de desempenho.

### **6.1. Este papel deve ser apenas desempenhado por um técnico especializado?**

**Sylviane Rigolet** - Sim, contando que este especialista seja também motivado e tenha o perfil pessoal para o efeito!

### **6.2. E a família?**

**Sylviane Rigolet** - Deve ser ajudada neste sentido: da escolha de livros, às principais estratégias a aplicar para cada caso e situação. É por isso que criei projectos de bebetecas que ajudem os pais a compreender melhor o livro em si, os níveis de desenvolvimento leitor, as estratégias mais adequadas em cada um, as formas de explorar os diversos tipos de obras, etc.



**7. Os conceitos “Joint-use libraries” e “Dual use libraries” já largamente implementado em países como os EUA, o Canada e a Austrália e nos países da Europa do Norte. Sendo estes países ricos não fará muito mais sentido em países com menores recursos, como o nosso, a implementação deste conceito? De uma forma efectiva rentabilizando os espaços e recursos disponíveis numa determinada comunidade?**

**Sylviane Rigolet** - Não domino o suficiente estes conceitos para me pronunciar com a devida certeza.

**8. Existem algumas experiências pontuais no nosso país que a BE está aberta fora de horas ou durante o período de férias escolares para servir a comunidade. Como encara esta possibilidade tendo em conta os recursos humanos necessários para tal?**

**Sylviane Rigolet** - Não só acho esta decisão fundamental, como deveria se repensar todos os horários das BM também. As actividades extra-curriculares vieram alterar os horários (bem como antes já os ATL), impossibilitando os alunos de frequentarem a BE ou a BM. Em Paris, abrem a BM ao domingo também, já que é o dia livre das famílias.

Quanto aos recursos, não há excedente de desempregados? Talvez seria uma ótima forma de minimizar esta crise dos empregos.

Todas as áreas ligadas à cultura têm de funcionar fora dos horários habituais de trabalho mais comuns.

**8.1. Quais os maiores obstáculos se poderão colocar à implementação destes conceitos?**

**Sylviane Rigolet** - As mentalidades, como já o referi; o comodismo (não sair de casa após um dia de trabalho; não trabalhar ao sábado e ao domingo).

**9. Para uma efectiva concretização do “Joint-use libraries “ e “Dual use” embora o espaço possa ser comum, como observa a constituição de equipas de trabalho, organização e gestão?**

9.1. E a gestão de espaços e recursos?

**10. Algumas autarquias do nosso país, nomeadamente Óbidos e Oeiras, estão a intervir na construção de espaços escolares distintos (JI e 1ºECB) com a envolvimento**



de zonas ajardinadas, pavilhões desportivos, auditórios e especialmente Bibliotecas. Estas valências são para utilização de toda a população local. Este conceito só será possível com a implementação deste tipo de escolas comunitárias?

**Sylviane Rigolet** - Não posso responder, já que não conheço com a devida precisão a organização específica referida.

Do ponto de vista conceptual, parece-me óptimo, na realidade prática, desconheço a funcionalidade e eficácia de um tal projecto: muito abrangente, exigente...corre-se sempre o risco de megalomania, mas, também “quem não arrisca não petisca” e hoje mais do que nunca acho que temos de aceitar desafios, arriscar a ousadia de um projecto divergente, de propostas diferenciadas, de iniciativas pioneiras. O livro não deve permitir rasgar horizontes?

Escolas comunitárias – iniciativas de parceria – criação de reais comunidades educativas... tudo me parece ir no mesmo sentido.

**10.1. Que impacto social pode ter na comunidade um Biblioteca de uso comum ou que seja partilhada por públicos distintos?**

**11. Alguns autores como Sharon Honig-Bear, Willian Miller e Rita Pellen, entre outros, referem que o maior problema para a implementação do “Joint-use” e “Dual-use” está relacionado com o sentimento de posse dos intervenientes, da gestão de orçamentos e dos recursos humanos. Que comentário faz?**

**12. Os mesmos autores referem que para uma eficaz parceria/ partilha entre as instituições deve ser implementada uma atitude dos 5 C “Collaborate, Communicate, Cooperate, Change and Challenge.” Ou seja Colaborar, Comunicar, Cooperar, Estar preparado para a Mudança e apostar em novos Desafios. Na sua perspectiva acrescentaria mais algum passo/ atitude? O Professor Bibliotecário, como um estratega, é uma peça fundamental para esta mudança?**

**Sylviane Rigolet** - Claro, como o exprimi numa pergunta anterior.

Poderíamos também dizer:

- Escutar
- Ir ao encontro do outro onde ele está e não onde imagino que esteja ou deveria estar
- Envolver-se para poder envolver



- 
- Personalizar os serviços para lutar contra a mecanização progressiva da sociedade
  - Disponibilizar recursos mas, sobretudo, disponibilizar-se
  - Educar para os valores sendo reais guias para os utentes.

**13. Por último gostaria de acrescentar mais algum aspecto significativo que considere pertinente para esta abordagem?**

Bem-haja pela sua colaboração!

Pedro Rafael Neto Gomes